

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINA - UNESC  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU – ESPECIALIZAÇÃO  
EDUCAÇÃO ESTÉTICA: ARTE E AS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**

**DENISE SILVEIRA THUMS PESSI**

**REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: REFLETINDO SOBRE A CRIANÇA E A ARTE**

**CRICIUMA**

**2010**

**DENISE SILVEIRA THUMS PESSI**

**REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO  
INFANTIL: REFLETINDO SOBRE A CRIANÇA E A ARTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado no curso de Pós Graduação Lato Sensu – Especialização Educação Estética: Arte e as Perspectivas Contemporâneas da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC.

Orientador(a): Profª Aurelia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA  
2010**

A vocês que tanto amo.

A vocês que me deram força.

A vocês que foram parceiros, solidários.

A vocês que contribuíram nesta  
Caminhada.

Uma palavra em refrão: Obrigado,  
Obrigado!

## **AGRADECIMENTOS**

**A DEUS:** Pelo bom da vida, da saúde, para correr atrás dos sonhos, e, realização profissional.

**AO MARIDO:** Meu imenso carinho pela colaboração, compreensão na minha ausência.

**AOS FILHOS:** Minha gratidão pelo incentivo e torcida na conclusão desta etapa.

**AOS COLEGAS:** Meu abraço carinhoso, pelo convívio, risos, discussões, aprendizagem, com a firme certeza que levo uma bagagem repleta de bons momentos e doces lembranças.

**A TUTORA:** Agradeço a paciência, o apoio, a orientações nesta caminhada, a qual, muito contribuiu para a conclusão da monografia.

“Já li muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação – mas, por mais que me esforce não consigo me lembrar de qualquer referência à educação do olhar ou à importância do olhar na educação, em qualquer deles.”

Rubem Alves.

## RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de refletir sobre o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, um documento oficial de orientação Curricular do Ministério da Educação que norteia as ações dos educadores. Nossa pesquisa passa pelos caminhos da história da Educação Infantil, das Artes Visuais, da Educação Estética, da Criança e as variantes de concepções que foram se constituindo no decorrer do tempo, procurando conhecer em que panorama histórico, social, cultural e político o documento foi elaborado. Nosso olhar está direcionado á Educação Estética, e como o documento o aborda em seu texto. A educação pela perspectiva da sensibilidade, um universo de possibilidades do educar do olhar, da reflexão, das emoções, da criatividade. Nossa análise é documental e bibliográfica, observando atentamente a diversidade de opiniões, artigos, trabalhos acadêmicos em relação ao documento, que nos dará sustentação para fazer um paralelo entre a criança, a Educação Infantil, seu cotidiano. O RCNEI, é cheio de lacunas e cabe a nós professores, pesquisadores da Educação Infantil promover o debate acadêmico para que a criança efetivamente seja atendida nas suas especificidades.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Criança. Educação Estética. RCNEI.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. APRESENTANDO O RCNEI</b> .....	11
2.1.VOLUME I: .....	11
<b>2.1.1. Introdução</b> .....	11
<b>2.1.2. Características do RCNEI</b> .....	11
<b>2.1.3. Algumas considerações sobre creches e pré-escolas</b> .....	11
<b>2.1.4. A criança</b> .....	12
<b>2.1.5. Educar</b> .....	12
<b>2.1.6. Cuidar</b> .....	12
<b>2.1.7. Brincar</b> .....	12
<b>2.1.8. Brincar em situações orientadas</b> .....	12
<b>2.1.9. Educar crianças com necessidades especiais</b> .....	13
<b>2.1.10. O professor de educação infantil</b> .....	13
<b>2.1.11. Organização do RCNEI</b> .....	13
<b>2.1.12. Objetivos gerais da educação infantil</b> .....	15
<b>2.1.13. A instituição e o projeto educativo</b> .....	15
<b>2.1.14. Parceria com a família</b> .....	16
<b>2.2. VOLUME II – FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL IDENTIDADE E AUTONOMIA</b> .....	17
<b>2.2.1. Introdução</b> .....	17
<b>2.2.2. Concepção</b> .....	17
<b>2.2.3. Aprendizagem</b> .....	17
<b>2.2.4. Objetivos</b> .....	17
<b>2.2.5. Conteúdos</b> .....	18
<b>2.2.6. Orientações gerais do professor</b> .....	18
<b>2.3. VOLUME III – CONHECIMENTO DE MUNDO</b> .....	19
<b>2.3.1. Introdução</b> .....	19
<b>2.3.2. Presença do movimento na educação infantil: idéias e práticas decorrentes</b> .....	19
<b>2.3.3. A criança e o movimento</b> .....	19
<b>2. 3. 4. Objetivos</b> .....	20

<b>2. 3. 5. Conteúdos</b> .....	20
<b>2. 3 .6. Orientações didáticas</b> .....	20
<b>2. 3. 7. Música</b> .....	20
<b>2.3.8. Artes visuais</b> .....	21
<b>2.3.9. Linguagem Oral e escrita</b> .....	21
<b>2.3.10. Natureza e sociedade</b> .....	21
<b>2.3.11. Matemática</b> .....	22
<b>2. 4. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTE NO BRASIL</b> .....	22
<b>2. 5. CRIANÇA, CONCEPÇÃO DE INFANCIA</b> .....	27
<b>2.6. EDUCAÇÃO ESTÉTICA, E, APRENDIZAGEM</b> .....	30
<b>2.7. METODOLOGIA</b> .....	37
<b>2. 8. ANÁLISE RCNI</b> .....	38
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>4. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	51



## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo central analisar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, direcionando nosso olhar para as Artes Visuais, e a contemplação ou não da Educação Estética dentro do documento, com o intuito de discutir as diretrizes nele estabelecidas fazendo um paralelo entre o cotidiano da criança na sala de aula e a prática das Artes Visuais.

O Referencial é um documento produzido pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC que integra a série de documentos Parâmetros Curriculares Nacionais. A pesquisa nos leva a percorrer a história da trajetória da Educação Infantil nos aspectos históricos, pedagógicos, as concepções de infância, de arte, de estética, como suportes para compreender como o RCNEI foi concebido. Uma investigação pelos caminhos das políticas públicas, sociais que interferem diretamente na Educação Infantil e na vida da criança. Com a Constituição de 1988, a criança passa a ser caracterizada como um sujeito de direito, e assegura às creches e pré-escolas o direito de fazerem parte da educação básica. Sendo assim, a Educação Infantil que “cuida” também pode (deve) “educar” a criança que é um sujeito histórico e social.

O professor apresenta à criança o mundo das artes, mediando suas ações segundo suas leituras de mundo, a apropriação da realidade, e suas expressões pessoais registradas seja em pinturas, música, teatro, desenho e suas infinitas possibilidades de criatividade. A vivência artística influencia no modo como a criança aprende, como ela se comunica e como faz a leitura do seu contexto.

Essas são possibilidades de ir além do fazer artístico, falamos então da Educação Estética, da educação do olhar. Segundo Ostrower (1990, p. 217), a experiência estética “se dá no âmbito da sensibilidade. Além do profundo prazer, ela nos transmite um sentimento de expressão de vida e ao mesmo tempo desencadeia a compreensão de certas verdades no mundo e sobre nós”.

Esses são efetivamente pontos relevantes dentro do ensino de Artes e na Educação Infantil, que nos levou a pesquisar o documento que rege a Educação Infantil, para que possamos entender as propostas pedagógicas que o constitui. Provocar a discussão para que possamos criar oportunidades de construir novos olhares em relação à Educação Infantil e seu contexto. Estar ciente da realidade de

todos os aspectos que envolvem a vida escolar é ter a perspectiva ao desenvolvimento de novas ações que mudem o panorama da Educação Infantil, promovendo uma qualidade significativa no processo de aprendizagem da criança.

A pesquisa foi dividida em capítulos, para que possamos entender os caminhos que levaram a constituição do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil. O primeiro capítulo contempla o RCNEI, com uma breve síntese de cada tópico respectivo aos seus volumes. O documento constituiu-se em três volumes. O primeiro volume traz a Introdução, e nos apresenta a proposta do referencial; o segundo volume trata da Formação Pessoal e Social, e no terceiro volume é contemplado o Conhecimento do Mundo.

No segundo capítulo o olhar se direciona para o contexto social e político que constituíram a arte e a Educação Infantil no Brasil, conhecer estes dois aspectos é essencial para que possamos compreender os caminhos que levaram a elaboração do RCNEI. Um olhar entre o passado e o presente, as transformações que a Educação Infantil percorreu para superar os desafios estabelecidos pela sociedade no Século XV e XVI.

O capítulo III nos leva para a Criança, sua trajetória na sociedade, as concepções de criança que foram se constituindo no decorrer da história, o sentimento de infância. A história da criança sempre esteve diretamente ligada às transformações sociais, culturais, políticas e econômicas ao qual a sociedade passou, fatos que sempre determinaram à postura dos adultos em relação ao universo infantil. A criança neste contexto passou por inúmeras concepções, inicialmente a sociedade a via com indiferença, um adulto miniatura, a criança operária, a criança da família e a criança pública.

A Educação Estética é abordada no capítulo IV, nos levando ao caminho da reflexão da efetiva importância da educação Estética na Educação Infantil. Falamos da educação do olhar, que amplia a leitura do mundo, do conhecimento com infinitas possibilidades didáticas e pedagógicas. Com plenas oportunidades de manifestações de um trabalho diferenciado com qualidade, o professor efetivamente proporcionando à criança o exercício da imaginação, sua expressão, contato com novas experiências artísticas e plásticas. Despertar o aluno para a emoção, a sensibilidade para o senso estético suas habilidades e competências específicas, proporcionando-lhes atividades onde possam desenvolver suas habilidades de pensar e fazer com autonomia.

O capítulo V é apresentamos a abordagem metodológica presente na referida monografia. O capítulo seguinte nos remete as análises das Artes Visuais no RCNEI, como o documento aborda o tema, os objetivos, conteúdos, e orientações ao professor da Educação Infantil, fazendo um paralelo entre o texto e a prática cotidiana das instituições que contemplam o atendimento infantil de 0 á 6 anos.

## **2. APRESENTANDO O RCNEI**

“Brincar não é perder tempo, é ganha-lo. É triste ter meninos sem escola, mais triste é vê-los enfileirados em sala sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para formação humana”. (Carlos Drumond de Andrade).

### **2.1.VOLUME I: INTRODUÇÃO**

#### **2.1.1. Introdução**

O documento inicia seu texto com uma breve explanação sobre a educação Infantil no Brasil, no mundo, as necessidades da família em buscar um atendimento institucional, frente às transformações que a sociedade passou no decorrer de sua história. Pontua sobre as leis que asseguram os direitos da criança, e o reconhecimento da mesma como um cidadão de fato e de direito.

#### **2.1.2. Características do RCNEI**

As características gerais do RCNEI constituem-se de um conjunto de referências teóricas e pedagógicas, propondo-se a auxiliar na implantação das práticas educativas de qualidade que visam o exercício da cidadania pelas crianças. Sua principal característica é dar suporte aos professores, as instituições municipais e estaduais, contribuindo com os programas de educação públicas, assim como as políticas de atendimento auxiliando nas informações, discussões, pesquisas, subsidiando o trabalho educativo.

#### **2.1.3. Algumas considerações sobre creches e pré-escolas**

Este tópico nos proporciona um relato das concepções que nortearam o atendimento às crianças, suas precariedades, e, principalmente o fator assistencialista que sempre predominou neste atendimento. O texto aponta o quanto é essencial estar ciente do real papel da educação infantil em transformar os conceitos equivocados sobre as crianças, e seu desenvolvimento.

#### **2.1.4. A criança**

Neste momento o RCNEI nos descreve os conceitos de criança, educar, cuidar, brincar. Conceituar a criança é lançar o olhar para sua história, de como ela foi se constituindo historicamente em cada contexto em que estava inserido, um ser único, com suas necessidades, especificidades, diferenças. A criança tem sua própria autonomia pensa, expressa suas idéias, concorda e discorda, trilhando um caminho de descobertas e aprendizagem com seu meio e as interações que estabelece com as demais pessoas. Um agente ativo que constrói, transforma, aprende, reaprende a história.

#### **2.1.5. Educar**

Educar é muito mais que cuidar. As necessidades da criança na atualidade visam uma concepção que proporcione seu desenvolvimento social, ambiental, cultural, sua linguagem, amplitude de conhecimentos e interações com as demais pessoas. A educação proporciona o desenvolvimento de suas capacidades de apropriação e conhecimento e suas potencialidades.

#### **2.1.6. Cuidar**

Cuidar faz parte da educação infantil, e, segundo o RCNEI, o cuidar neste caso é essencial no desenvolvimento da criança, pois esta ação refere-se em ajudar a criança a emancipar-se como ser humano, tendo o entendimento dos cuidados específicos de cada faixa etária.

#### **2.1.7. Brincar**

As características gerais do brincar são apresentadas, fazendo um paralelo do lúdico, e as diversas possibilidades que a brincadeira proporciona para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

#### **2.1.8. Brincar em situações orientadas**

Brincar também pode ser aprendizagem direcionada, a professora deverá organizar atividades que proporcione a interação da criança no intuito de ampliar suas capacidades de apropriação de conceitos, diferentes linguagens, códigos sociais, onde a criança expressa seus sentimentos, opiniões, experiências, construção e compreensão das significações, internalizando essa aprendizagem. Contemplar a individualidade e a diversidade de cada criança, assim como, seus conhecimentos prévios em diferentes aspectos e experiências. As atividades orientadas pelo professor devem instigar a curiosidade da criança, provocar a busca de soluções entre as crianças nas resoluções de problemas que surgirem.

### **2.1.9. Educar crianças com necessidades especiais**

O Referencial nos fala sobre educar crianças com necessidades especiais, a importância deste ato como inclusão social, a promoção do convívio com a diversidade em que cada parte envolvida tem o contato direto na formação de conceitos como: valor, respeito, igualdade, equidade, solidariedade, valores éticos em relação à criança especial. O preconceito que as crianças e os adultos com necessidades especiais encontram em nossa sociedade, só deixou de existir, com o novo conceito de diferença, que passa pela inclusão social e o envolvimento de todos os segmentos da educação, que promovam uma pedagogia que contemple este aspecto de mudança.

### **2.1.10. O professor de educação infantil**

Quando o documento foi elaborado, a grande demanda de professores ou tias que atendiam a educação infantil não possuía qualificação adequada, o referencial sugere então, que estes profissionais não fossem descartados, porém, preocupa-se que estes profissionais sejam qualificados para um futuro próximo, visando atender o novo panorama da educação infantil. O professor que ora atende as criança deverá ser polivalente no atendimento às necessidades básicas da criança, e, lhe proporcionar o seu desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento.

### **2.1.11. Organização do RCNEI**

A estrutura do RCNEI apresenta-se em objetivos gerais e específicos, conteúdos, e orientações didáticas que deverão servir de suporte ao professor no seu planejamento geral na educação infantil, adequando-o quanto às diversidades sociais e econômicas de cada instituição em que está inserida. A estrutura é organizada por faixa etária que compreende: Creche de zero a três anos, Pré-Escola de quatro a seis anos, sendo concretizada em dois âmbitos de experiências: Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo.

Este trabalho é constituído por oito âmbitos: Identidade, Autonomia, Movimento, Artes Visuais, Música, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade, Matemática. Os âmbitos foram destacados como experiências essenciais, para servir de referência na prática educativa e são compreendidos como domínios ou campos de ação que dão visibilidade aos eixos do trabalho educativo. Uma organização que se faz necessária para que o professor possa refletir sua prática nas ações que propicia às crianças.

Na seqüência do Volume I se apresentam os Componentes Curriculares, compostos por objetivos que possibilitem à criança desenvolver suas múltiplas capacidades de aprendizagem. Como pressuposto para o alcance de tais objetivos, o documento aponta sobre a importância na escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos com as crianças, ressaltando que esses devem contemplar os propósitos das instituições.

O planejamento do professor no item conteúdos deverá estar organizado nas seguintes categorias: os conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. A primeira, dos conteúdos conceituais, refere-se ao mundo dos conceitos, fatos e princípios e da capacidade que a criança tem em lidar com as idéias, imagens e representações que dão significados aos símbolos. A segunda, que trata dos conteúdos procedimentais, refere-se ao saber fazer, os caminhos e possibilidades que norteiam as ações da criança. E por último, a categoria que trata dos conteúdos atitudinais que são relacionados aos valores, normas e atitudes.

Os conteúdos estão dispostos em blocos, porém, o documento deixa claro, que o professor não deve fragmentar o conhecimento, e sim explorar todas as possibilidades que os conteúdos fornecem. Também salienta que os conteúdos sejam significativos para a criança, e oportunizem o avanço da aprendizagem e do conhecimento. Conteúdos que permitam relacionarem-se entre si e com a realidade de forma integrada.

As orientações didáticas estão dispostas de forma a subsidiar as ações, reflexões e a prática do professor, com orientações gerais e específicas nos diversos blocos de conteúdos, subdivididas nos seguintes itens: princípios gerais do eixo; organização do tempo, do espaço, dos materiais. Este capítulo se encerra abordando a importância da observação, do registro e da avaliação formativa.

### **2.1.12. Objetivos gerais da educação infantil**

O documento elenca os seus objetivos gerais a partir de um olhar sobre a prática e organiza-os segundo as capacidades que as crianças podem desenvolver a partir dessa prática. Esses objetivos, segundo o RCNEI (1996, Vol. I, p. 47) estão transcritos aqui na sua íntegra:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidados com a própria saúde e bem estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades.
- Utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

### **2.1.13. A instituição e o projeto educativo**

O RCNEI, volume I, em seu último capítulo, nos apresenta a construção de um projeto educativo, que priorize a forma coletiva e cooperativa, com ampla



participação dos pais, professores e profissionais ligados à instituição educativa. A construção de um projeto que propõe diálogos entre diferentes programas de educação infantil e que supõe ficar atentos à duas dimensões complementares: uma de natureza externa, e outra de natureza interna.

Estar atento às reais condições e características sócio culturais de cada comunidade onde está inserida a instituição educacional oportuniza a elaboração de propostas curriculares mais significativas para as crianças. As condições externas também devem ser consideradas na elaboração dos projetos educativos, afinal a criança, é o ator principal deste projeto. O professor deve levar em consideração aspectos fundamentais para o pleno sucesso dos projetos educativos, onde deva ser contemplado: o ambiente institucional, formação do coletivo institucional, espaço para formação continuada, espaço físico, recursos materiais, versatilidade do espaço, acesso a materiais, segurança, divisão das crianças por faixa etária, organização do tempo.

#### **2.1.14. Parceria com a família**

Na educação infantil é fundamental o entendimento entre família e a instituição, respeitando as peculiaridades de cada um, dando ênfase à valorização e ao conhecimento das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais. O texto vai discorrendo sobre o respeito aos vários tipos de estruturas familiares. O respeito que devemos ter pelas diversas culturas e suas especificidades. A importância da comunicação entre pais, professores, instituições, desde os cuidados rotineiros, a casos específicos. Os pais também devem ter acesso aos processos de desenvolvimento e aprendizagem. A história da criança, sua bagagem cultural são suportes na aprendizagem ao qual o professor se apóia para planejar suas atividades.

Esse vínculo de comunicação tem seu início quando a criança passa a fazer parte da vida da instituição, onde o bom acolhimento dos pais, das crianças, quebra a ansiedade de todas as partes envolvidas. Estar preparado para assumir essas dificuldades, que incluem a entrada na instituição, a adaptação à nova rotina educacional, a separação do convívio familiar, assim como um cuidado especial com as crianças especiais.

## 2.2. VOLUME II – FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL IDENTIDADE E AUTONOMIA

### 2.2.1. Introdução

O segundo volume do RCNEI contempla o âmbito da formação pessoal e Social, descrevendo sobre os eixos de trabalho: Identidade e Autonomia; e, como a Instituição Infantil, efetivamente pode atuar nos processos de construção nessas dimensões, possibilitando às crianças conhecer, descobrir e ressignificar seus valores, seus conceitos e ética.

### 2.2.2. Concepção

A criança vai construindo sua identidade no decorrer dos anos, conforme as particularidades do meio em que está inserida, nesse item, trata do complexo processo de construção da identidade e da autonomia da criança, enaltecendo a importância das interações sociais, juntamente, com as experiências e vivências da criança, fatores essenciais associados aos processos de fusão e diferenciação, da construção de vínculos e da expressão da sexualidade.

### 2.2.3. Aprendizagem

A aprendizagem da criança se constitui historicamente através de suas experiências, vivências no cotidiano e das interações com o meio físico e social. A criança é o grande protagonista de seu desenvolvimento, ao qual o professor contribui por meio de diversos recursos como a imitação, o brincar, a oposição, a linguagem, e a apropriação da imagem corporal.

### 2.2.4. Objetivos

Os objetivos estão direcionados para as duas faixas etárias da educação infantil: 0 à 3 anos, e, 4 à 6 anos.

0 à 3 anos:

- Experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia;
- Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo, conhecendo progressivamente seus limites, sua unidade e as sensações que ele produz;
- Interessar-se progressivamente pelo cuidado com o próprio corpo, executando ações simples relacionadas à saúde e higiene;
- Brincar;
- Relacionar-se progressivamente com mais crianças, com seus professores e com demais profissionais da instituição, demonstrando suas necessidades e interesses.

4 à 6 anos:

- Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
- Identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
- Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências.

### **2.2.5. Conteúdos**

Assim como os objetivos, os conteúdos estão direcionados para as duas faixas etárias. Os conteúdos são apresentados, seguidos das orientações didáticas e, por conseguinte, os diferentes direcionamentos que o professor, os pais e a instituição deverão ter em relação aos temas: auto-estima, escolhas, faz-de-conta, interação, imagem, cuidados e segurança., estes referentes a faixa etária dos 0 à 3 anos..

Do mesmo modo, o texto prossegue em relação às crianças de 4 à 6 anos, com alguns temas diferenciados: nome, imagem, independência e autonomia, respeito á diversidade, identidade de gênero, interação, jogos e brincadeiras, cuidados especiais.

### **2.2.6. Orientações gerais do professor**

O RCNEI, nos traz as orientações gerais ao professor enfatizando o quanto é importante incentivar e encorajar a criança a participar das atividades, criando um ambiente seguro e confortável promovendo um espaço para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia. O texto apresenta inúmeras sugestões de atividades articuladas ao educar e cuidar, sob aos seguintes tópicos: jogos e brincadeiras, organizando um ambiente de cuidados essenciais, proteção, alimentação, cuidados dos dentes, banho, troca de fraldas, sono e repouso.

Após a descrição dos cuidados referentes a cada tópico, o texto apresenta as articulações com as quais o professor deverá executar as atividades e os conteúdos; organizando o tempo, juntamente com as atividades permanentes, os projetos, a observação, o registro e a avaliação.

## 2.3. VOLUME III – CONHECIMENTO DE MUNDO

### 2.3.1. Introdução

O volume III do RCNEI enfatiza o âmbito conhecimento do mundo, onde são contemplados os seis eixos de trabalho facilitadores à construção das diferentes linguagens das crianças, assim como, as relações que as mesmas estabelecem com os objetos de conhecimento. Os eixos são: Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática.

### 2.3.2. Presença do movimento na educação infantil: idéias e práticas decorrentes

O movimento faz parte da vida do ser humano e a criança, um eterno inquieto com seu corpo, explora essa manifestação natural em prol da sua aprendizagem por meio das brincadeiras lúdicas, com a expressividade, com ações.

### 2.3.3. A criança e o movimento

O movimento está presente desde a vida intra-uterina, todos os movimentos que realizamos, descobrimos, conseguimos executar nos dá a percepção do nosso corpo, noção de espaço e de quanto podemos interagir com o

mundo, com as pessoas. O movimento imprime uma marca pessoal, agregada de emoções, sentimentos, idéias, ações, é a mistura da arte da representação e a vida real.

O texto apresenta a relação da criança com o movimento respectivo a cada faixa etária na Educação Infantil.

#### **2. 3. 4. Objetivos**

Os objetivos são direcionados sempre em dois blocos condizentes com a faixa etária de 0 à 3 anos e 4 à 6 anos, cada eixo enfatiza o conhecimento. São objetivos que contemplam desenvolver as capacidades da criança, proporcionando seu amplo desenvolvimento.

#### **2. 3. 5. Conteúdos**

Os conteúdos propõem que o professor desenvolva suas atividades proporcionando às crianças múltiplas experiências corporais, para isso, os conteúdos foram divididos em dois blocos: expressividade do movimento e equilíbrio e coordenação.

#### **2. 3 .6. Orientações didáticas**

Assim como nos objetivos, após a apresentação de cada eixo do conhecimento, são igualmente apresentadas ao professor as orientações didáticas divididas em: orientações gerais ao professor, organização do tempo, observação, registro e avaliação formativa, de cada tema.

#### **2. 3.7. Música**

A música é uma das artes mais antigas da história. O documento nos apresenta a música como uma das formas de expressão dos sentimentos, pensamentos, comunicação, herança cultural. O documento traz como imprescindível sua utilização na escola para proporcionar a integração, a interação, a aprendizagem, a percepção, a reflexão, assim como, conhecer a diversidade

musical, estimulando e aguçando o conceito e o gosto musical. A música foi subdividida em dois aspectos: o fazer musical e a apreciação.

### **2.3.8. Artes visuais**

As Artes Visuais são linguagens importantes e indispensáveis na Educação Infantil, são formas de expressão e comunicação muito significativas para a formação das crianças. Artes Visuais integra os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos. O texto aborda o descompasso entre as teorias e as práticas educativas, a produção artística e o estereótipo aos quais as artes foram sucumbidas ao longo da história.

O professor deverá organizar seu trabalho articulando os seguintes aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão. A criança tem sua própria percepção, interpretação e visão de mundo, pelas quais devem ser respeitadas nas suas individualidades.

### **2.3.9. Linguagem Oral e escrita**

A aprendizagem da linguagem oral e escrita, é um marco no desenvolvimento humano, é uma das formas de inserção e de participação do indivíduo na sociedade, permitindo ao sujeito modificar-se a partir das interações sociais; além de aprender os diferentes significados culturais existentes em nossa sociedade. A Educação Infantil promove o contato da criança com o mundo letrado e conseqüentemente com formas de aprendizagem, possibilitando experiências significativas e prazerosas para a criança, a partir desse encontro com o mundo das letras, da leitura e da expressão pela oralidade.

Neste item, os conteúdos para as crianças de 0 à 4 anos, são apresentados em um único bloco, e, para as crianças de 4 à 6 anos apresentados em três blocos: falar e escutar, práticas de leituras e práticas de escrita.

### **2.3.10. Natureza e sociedade**

A criança é um ser que incontestavelmente faz parte da natureza, da sociedade, e está rodeada por fenômenos naturais e sociais. Alguns dos temas que

despertam a curiosidade e o interesse da criança são os insetos, peixes, dinossauros, pássaros, rios, mares, lagoas, animais domésticos e selvagens. Tudo isso faz com que a criança faça uma relação com as histórias, os desenhos animados, os filmes e programas de televisão, que ela tem acesso. São elementos que permitem que a imaginação da criança seja exercitada por meio da imitação e das experiências cotidianas.

O foco do RCNEI em trabalhar sociedade e natureza prioriza a ampliação das experiências das crianças e a construção de conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural. Conhecer o meio em que vive e a pluralidade de fenômenos e acontecimentos, nos aspectos físicos, biológicos, geográficos, históricos e culturais, poderá oportunizar mudanças e, transformações nesse meio.

Os conteúdos estão organizados em cinco blocos, que correspondem aos seguintes itens: organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar, os lugares e suas paisagens, objetos e processos de transformação, os seres vivos, fenômenos da natureza.

### **2.3.11. Matemática**

A matemática faz parte da vida da criança, desde seu nascimento. Os números são partes da sua história. O registro, a hora, o peso, a medida, assim como futuramente, a contagem, a divisão, das figurinhas, doces, brinquedos, games. Aprende-se a matemática diante do fato imediato. A criança busca soluções e resoluções para seus problemas matemáticos no dia-a-dia. No documento, os conteúdos estão organizados em três blocos: Números e sistemas de numeração, Grandezas e Medidas, Espaço e forma.

Este é um breve resumo do RCNEI, com suas diretrizes, objetivos, propostas, atividades, que tem o cunho de nortear as ações pedagógicas do professor junto a seus educados. É fundamental que façamos uma relação entre o RCNEI, o momento histórico e social em que ele foi constituído, para que, efetivamente possamos analisar de modo reflexivo a sua criação e suas propostas.

## **2. 4. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTE NO BRASIL**

“Arte significa ter mais linguagens significa diferentes formas de representar o Mundo. Queremos que as nossas crianças tenham mais que

uma imagem a cerca de uma coisa... Quantas mais formas de linguagem se introduzir (musica, dança, drama, pintura, etc.) mais rica a escola será". (FORMOSINHO, 2007, p. 108).

O atendimento às crianças menores de 7 anos no Brasil tem seu início em meados do Século XX, consta registros das primeiras instituições de atendimento á crianças conhecido como 'roda dos expostos", cuja finalidade era cuidar das crianças abandonadas. Num segundo momento os filhos de domésticas e operárias, tiveram acesso á este atendimento. A primeira creche do Brasil foi criada no Rio de Janeiro, em 1899, e atendia os filhos das operárias da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado. Já no século XIX, alguns setores organizados da sociedade chamam a atenção dos órgãos governamentais para a criança como um cidadão.

Este aspecto ganha reconhecimento no século XX, onde a criança deveria ser preparada para o adulto da futura sociedade, principalmente com o advento da industrialização, a abrangência cada vez maior da mulher no mercado de trabalho. Criam-se várias instituições com o caráter puramente assistencialista, "caracterizava-se por uma educação de baixa qualidade, mais moral que intelectual e sustentada na formação de hábitos e atitudes" (OSTETTO, 2000, p.25).

Em 1930 surgiu o departamento Nacional da Criança, vinculado ao Ministério da Saúde, pois se tinha a idéia de criança – médico-higiênica, o objetivo era ordenar atividades dirigidas à infância e adolescência. A grande maioria das pessoas que trabalhavam nestas instituições era voluntários, que não possuíam qualificação educacional.

A LBA – Legião Brasileira de Assistência foi criada em 1946, pelo governo federal, ao qual ficou sob sua responsabilidade executar as políticas sociais direcionadas á maternidade, família, e, infância. Neste contexto várias creches vão surgindo nas capitais, com a plena ascensão das indústrias, a grande maioria destas creches é gerenciada por entidades filantrópicas, e entidades religiosas, que tinham como prioridades a alimentação, cuidados físicos, ou seja, um atendimento que visa suprir as deficiências e carência da criança, não era realizado um trabalho do desenvolvimento intelectual e afetivo.

Nos anos 50, ocorre uma grande discussão pelas entidades que faziam atendimento ás crianças, entre creches e pré-escolas, a primeira sendo direcionadas as crianças pobres com atendimento puramente assistencialista, a segunda era



direcionadas as crianças ricas, que tinham acesso a espaços que lhes proporcionavam o pleno desenvolvimento. A educação passa por um novo direcionamento nos anos 60, mudam-se as políticas de atendimento da criança, e nos anos de 1964 foi criada a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor - FUNABEM.

Em 1970 a Educação Infantil passa a ser uma educação compensatória que se constitui na “idéia de carência cultural que resultaria no fracasso escolar, fundamentando a teoria da privação cultural”. (BRAGA, 2003, p. 22). O intuito inicial era compensar as carências e deficiências apresentadas pela criança, proporcionando-lhes atendimento nutricional, emocional, cultural que compensasse as carências educacionais, diante do alto número de repetência e evasão escolar.

O atendimento à Educação Infantil foi ampliado com a promulgação da Lei nº. 5.692, de 1971, que reconhece à Educação Infantil, sugere que seja efetivada nas escolas maternais, jardins de infância, além de sugerir que empresas particulares oportunizem atendimento as filhos das funcionárias, com idade inferior á sete anos. A Educação Infantil lentamente vai construindo sua estrutura, nos anos de 1980 com:

“O processo de abertura política, houve pressão por parte das camadas populares para ampliação do acesso à escola. A educação da criança pequena passa a ser reivindicada como um dever do estado, que até então não havia se comprometido legalmente com essa função. [...] devido a pressão dos movimentos feministas e dos movimentos sociais, a Constituição reconhece a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança em dever do estado”. (SOARES, 2007, p. 7).

A ampliação da concepção da criança no universo da educação ganha seu espaço na década de 1990, e ganha finalmente seu caráter educativo pedagógico, Segundo Oliveira (2005, p. 125), “agora se procura entender a criança como um ser sócio-histórico, onde a aprendizagem se dá pelas interações entre a criança e seu entorno social, [...] que enfatiza a criança como sujeito social, que faz parte de uma cultura concreta”.

Esta concepção ganha definitivamente seu espaço, na forma da lei, com a integração da Educação Infantil á educação Básica, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, N.º 9394/96, a criança tem seu direito garantido como um dever do estado. A referida lei trata no seu artigo 21º a educação infantil como parte integrante da Educação Básica, como primeira etapa da educação básica, onde o

setor público tem o dever de oportunizar atendimento em creches (0 à 3 anos) e em pré-escolar (4 à 6 anos). Conforme consta no artigo 29º a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

No ano de 1990 foi criado e implantado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8069/90, ao qual regulamenta os direitos da criança e adolescente e reafirma em seu artigo 54º, inciso IV, o que já estava previsto na Constituição Federal, o dever do estado é assegurar à criança e ao adolescente, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 à 6 anos. A criança passou a ser um sujeito e direito e de fato.

Em 1998, é criado o RCNEI: Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, um documento que procura orientar o professor em seu trabalho com crianças de 0 à 6 anos. Segundo Kuhlmann Junior (2005, p. 52):

O Referencial Curricular nacional terá um grande impacto. A ampla distribuição de centenas de milhares de exemplares às pessoas que trabalham com esse nível educacional mostra o poder econômico do Ministério da Educação e seus interesses políticos, muito mais voltados para futuros resultados eleitorais do que preocupados com a triste realidade das nossas crianças e instituições. Com isso, a expressão no singular – referencial – significa de fato, a concretização de uma proposta que se torna hegemônica, como se fosse única.

Nesta breve apresentação da história da Educação Infantil no Brasil, percebemos claramente, segundo Sarmiento e Pinto (2001), as diferentes variáveis sociais influenciaram nos papéis sociais atribuídos à infância. A sociedade organizada sempre teve seu atendimento assistencialista, fortemente marcado pelas ações políticas públicas, uma história marcada pela contradição: em que os órgãos públicos e sociedade organizada, sempre promoveram de ações junto à criança, em contextos e realidades bem diferentes.

A arte também está neste contexto de variáveis quanto o seu real papel como arte educação. Compreender a trajetória da Educação Infantil em paralelo com a arte, se faz necessário para que possamos compreender os rumos, as variáveis que nortearam os interesses que regem a educação infantil, e, a arte-educação.

No ano de 1948, foram criadas Escolinhas de Artes no Rio de Janeiro, onde as crianças exercitavam a livre expressão, criatividade, fatores essenciais que

passaram a nortear a educação arte. No Brasil a Arte-Educação tem seu marco principal em 1992, com o Movimento de Arte-Moderna. Um movimento que objetivava criticar, impactar, o conservadorismo burguês, literário e artístico da época. Este movimento foi o grande percussor das idéias da “livre expressão” na Educação Infantil.

Esta concepção de criatividade e reflexão é reforçada nas décadas de 60 e 70, com amplos debates na América e Europa, que defendiam a arte como educação, a real contribuição da arte no desenvolvimento da criança, e, a importância do professor como mediador neste processo.

Nas décadas de 80 e 90 no Brasil as orientações direcionadas aos professores da Educação Infantil, eram norteadas pelos Cadernos de Atendimento ao Pré-Escolar, criados e distribuído pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC. A concepção de arte-educação, destes cadernos, resumia-se á simples reprodução de técnicas, direcionando o professor a trabalhar exercícios repetitivos, mecânicos, ou atividades de recreação e confecção de material específico em datas comemorativas. Este olhar tecnicista muda seu foco, nos anos 90, com a criação do Caderno do Professor da Pré-Escola, elaborado pelo MEC. A arte é direcionada ao ato reflexivo, uma mudança lenta diante do real sentido da arte no cotidiano da criança e seu desenvolvimento.

A “educação-arte” ganha espaço, com a abordagem de ensino e aprendizagem, frente á “Metodologia Triangular”, em meados de 1982, “á medida que contempla três instancias do contato do ser humano com a arte: Fazer Artístico, Leitura da Imagem (crítica e estética) e História da Arte”. (BARROS, 2005, p. 55).

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, vem consolidar em forma de lei o direito a arte, com as seguintes características:

Art.3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:  
II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar cultura, o pensamento, a arte e o saber.  
Art.25, 2º - O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diferentes níveis da Educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.  
Art.32, II - A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. (LDB,1996).

As reflexões, debates, efetivamente ganharam campos em 2000, sobre a arte na Educação Infantil, como arte-educação, com a discussões efetivas aos

conteúdos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCNs), Referencial Curricular para Educação Infantil, os planejamentos, os currículos, a realidade sócio-cultural em que a criança está inserida, os professores e sua qualificação, os procedimentos, enfim, a busca efetiva de uma consistência teórica, conceitual e metodológica da arte-educação.

## 2. 5. CRIANÇA, CONCEPÇÃO DE INFANCIA

A Educação Infantil passou por grandes transformações, no decorrer da sua história, a concepção de criança foi modificando lentamente, “a fascinação pelos anos da infância é um sentimento relativamente recente”. (HEYWOOD, 2004, p.13). A pedagogia busca constantemente um novo olhar para a criança, promovendo compreensão sobre ela e suas reais necessidades, suas particularidades enquanto cidadã.

Entender os conceitos de infância no decorrer da história pode nos demonstrar os paradigmas que constituíram o conceito de criança e sua infância. Conceitos estes, que foram sendo criados no decorrer da história, inicialmente a criança era vista como um ser sem importância, um adulto em miniatura, que não necessitava de cuidados condizentes com sua faixa etária. Os relatos históricos das crianças sempre estiveram atrelados as profundas transformações sociais, econômicas e culturais que as sociedades passaram.

Etimologicamente: do latim IN (não) FANCIA (capacidade de fala), nesta perspectiva, a fase da infância seria caracterizada pela ausência da fala. O Dicionário Aurélio (2002), descreve a ‘criança’ como um ser humano de pouca idade, a ‘infância’ é definida como um período de crescimento no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade. O Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990, define a criança como um pessoa até os 12 anos de idade incompletos.

Segundo Sarmiento e Pinto (1997, p. 33):

Quem quer que se ocupe com a análise das concepções de criança que subjazem quer ao discurso quer ao discurso comum quer a produção científica centrada no mundo infantil, rapidamente se dará conta de uma grande disparidade de posições. Uns valorizam aquilo que a criança já é e que faz ser, de facto, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade

da proteção face a esse mundo. Uns encaram a criança como um agente de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece”.

A economia, a política, a cultura, sempre marcaram o compasso da criança e sua concepção como sujeito, na sociedade em que está inserida. Vários estudiosos definiram a infância de diferentes formas; para Postamam (1999), a idéia de infância passou por várias etapas, desde não ter palavras para defini-la, até a descrição detalhada de suas características. Para Silveira (2000), a definição de infância está ligada à ótica do adulto, e , como a sociedade está sempre em movimento, a vivência da infância muda conforme os paradigmas do contexto histórico.

Na sociedade feudal, a infância era considerada um período de rápida transição, sendo inserida na vida adulta, aos 7 anos, quando se tornava útil nas tarefas e na economia familiar. A criança era vista com indiferença, um ser totalmente substituível ao qual não merecia um apego sentimental, as famílias tinham muitos filhos, era a seleção natural da criança mais forte, que sobrepunha as demais. As pessoas possuíam uma visão nada sentimental em relação as crianças; incurtia-se a idéia que a mortalidade infantil era normal, já que as crianças não tinham alma, “ as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual” (ARIÉS, 1973, p. 22).

As crianças não se diferenciavam dos adultos quanto as roupas, jogos, trabalho, era o pequeno adulto que frequentava todos os locais independente dos lugares serem ou não adequados á uma criança, um ser considerado imperfeito. Este período também ficou marcado pelas péssimas condições de higiene, saúde, pestes, que assolavam principalmente a população mais carentes, acarretando no grave números de mortalidade infantil. Outro fato relevante neste período, era o infanticídio: morte das crianças provocada voluntariamente, pela própria família.

No Século XVI, período marcado pelo fim do feudalismo e início do capitalismo, a criança tem um novo contexto a sua frente. Segundo Narodowski (1998), agora a criança começa a ser percebida como um ser inacabado, carente e, portanto, individualizado, produto de um recorte que conhece nela a necessidade de resguardo e proteção. O alto índice de mortlaidade infantil diminui consideravelmente com o surgimento de proffissionais na área da saúde, da pediatria, pedagogos, e a puericultura, ao qual tinham como prioridade o bem estar e

desenvolvimento da criança., emerge o “sentimento moderno de infância”, denominado por Áries (1973).

A criança passou a ser diferenciada do adulto, um ser que tem necessidades próprias, inspira cuidados específicos, neste momento desenvolve-se dois sentimentos de infância: a paparicação e a moralização, ao qual Martins (2003, p. 18), define:

No primeiro sentimento, denominado “paparicação”, a criança era vista pela sua ingenuidade, como alguém que precisava de cuidados. O outro sentimento, denominado “moralização”, surgiu simultaneamente – a criança era vista como um ser incompleto que precisava ser preparado e educado pelo adulto.

A sociedade no Século XVII, passa por profundas mudanças no contexto social, fatos estes que influenciam diretamente para a efetiva construção de um sentimento de infância, a criança ganha seu espaço, por consequência adquire uma concepção Romântica. A família tem seu marco de representatividade nesta mudança, em que, a afetividade um aspecto que passa a nortear o seio da família. O núcleo familiar passa a valoriza a inocência, a naturalidade de criança, que anseia de cuidados e preparação para a vida adulta.

Esta mudança está alavancada nas reformas religiosas tanto das igrejas católicas, quanto as protestantes, que clamam pela criança e seu bem estar. Um novo olhar é direcionado para a criança e a educação que lhe seria conveniente; a escola passa a ser essencial neste processo, á ela cabe o processo de formação, deixando definitivamente de lado a aprendizagem da convivência.

A educação que ocorria no seio familiar, ou em outras casas, ao qual as crianças eram enviadas para aprender ofícios, se tornou inadequada frente ao novo patamar que a criança surgia na sociedade. Segundo Oliveira (2005), o Estado e a Igreja tomaram para si a organização do sistema educacional público como forma de controle de um conjunto da sociedade.

Uma educação preocupada em moldar a moral da criança, conduzindo a aprendizagem, no intuito de corrigir os desvios, visto que a mesma tinha á visão do fruto do pecado, e deveria ser conduzinda ao caminho do bom. Uma educação extremamente moralista que norteara os educadores, formou-se o sentimento de infância que viria inspirar toda a educação do século XX como declarou ARIÉS (1973).

A família assume seu papel de responsabilidade pela criança, quanto aos cuidados e educação, frente a nova sociedade que se instaura com o surgimento das classes sociais. Segundo Kramer, (1982, p.19):

A idéia de infância (...) aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. Se a sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ("adulto") assim ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa de ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura. Este conceito de infância é pois, determinado historicamente pelas modificações das formas de organização da sociedade.

A escola que era única também se transforma, divide-se em duas, tendo seu atendimento direcionada a classe burguesas com criação de colégios ou liceu, e para a classe pobre, criou-se a escola primária com a vida escolar reduzida em relação as colégios. A educação de modo geral, tinha um caráter cristão, a fim de, constituir futuros adultos com o princípio da razão.

Essas transformações que a sociedade e a escola passaram marcaram profundamente a criança, na Revolução Industrial surge a "criança operária", que assume a responsabilidade de ajudar a família no aspecto financeiro. Crianças que são exploradas economicamente, frente ao trabalho desumano que lhes é imposto. Muitas deixam de estudar pela inviabilidade de tempo, ou a farsa que são as escolas que as fábricas disponibilizam para os filhos dos operários e operárias.

Nos séculos XIX e XX, há uma profunda mudança no panorama da educação, da saúde, da prevenção social, com investimentos consideráveis dos órgãos governamentais, surge uma nova concepção de criança, a "criança bem estar", que necessita de um atendimento condizente à sua idade e respectivo desenvolvimento. "Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de serem estudadas por si só". (HEYWOOD, 2004, p.10).

Atualmente a criança é vista um sujeito de fato, com direitos, que necessita de atendimentos, cuidados, que efetivamente supram suas necessidades físicas, cognitivas, psicológicas, emocionais e sociais.

## 2.6. EDUCAÇÃO ESTÉTICA, E, APRENDIZAGEM

A criança brinca, rabisca, desenha, escreve, lê, cria mundos, amigos, canta, de maneira singular. Desenvolve essas atividades de forma despreziosa, ao seu próprio modo, atividades estas, que tem seu início á partir do momento que passa a existir. Ela é munida de uma criatividade infinita ao mundo faz-de-conta, transforma o cabo de vassoura em uma possante moto que corre no encalce dos monstros que pretende destruir o mundo. Assim como a linda boneca, ou, mesmo a destroçada, mutilada que insiste em ser bela, de qualquer forma será sempre posta ao colo, como um ritual, embalada com a inconfundível: ‘nana neném’.

A imaginação leva a criança a descobrir o mundo, experimentar, inventar, adquire habilidades. Tudo lhe instiga a curiosidade, sua autoconfiança, sua emancipação, fatores preponderantes para seu desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e atenção. Ela descobre esse mundo brincando, imaginando, criando. A atividade criadora ou criativa foi conceituada por Vygotsky (1998, p. 7), como:

Toda realização humana criadora de algo novo, quer se trate de reflexos de algum objeto de mundo exterior, quer de determinadas construções do cérebro ou do sentimento, que vivem e se manifestam apenas no próprio ser humano. Existem dois tipos básicos de impulsos na conduta humana: 1) o impulso reprodutor ou reprodutivo e 2) o impulso criador ou combinado. O primeiro estreitamente vinculado à memória e o segundo intimamente relacionado à imaginação.

Cunha (2010, p.2), em seu artigo estabelece uma relação da arte e a criança, sugerindo que a arte é como um faz de conta, “crianças, artistas fazem de conta que um rabisco, um objeto, um fragmento, um pensamento se transforme em outra coisa, [...], artistas e crianças, percebem o mundo e dão sentidos a eles de formas singulares”. Tanto os artistas como as crianças têm seu olhar particular sobre o mundo, e expressam das mais diferentes formas, que nem sempre é compreendida. Qual não foi a criança que em um determinado momento desenhou um elefante em um rio tomando banho, e foi questionado, onde está o elefante?

A arte proporciona a criança um caminho extremamente agradável, convidativo, imaginário, nas mais diferentes áreas de sua linguagem: artes visuais, teatro, dançam, música, literatura. Sendo assim, na Educação Infantil a disciplina de Artes é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural da criança. A educação não pode mais limitar seu trabalho nesta disciplina, como uma mera atividade de lazer e recreação. O professor necessita ter o entendimento da



amplitude desta práxis, “a importância do olhar do professor frente ao desenvolvimento no ensino de artes” (BARROS, 2005, p.9). A criança deve ter acesso pleno ao mundo das artes, entendendo sua real função e utilidade, para que ela possa traçar um paralelo entre seu contexto e o mundo, visto que:

Acreditamos que o desenvolvimento da criança com as artes, por meio dos textos e das imagens, não é tão-somente um recurso para ela perceber o modo como às pessoas e as épocas são retratadas, ou para tomar conhecimento das várias manifestações artísticas, é também examinar a arte como uma oportunidade para que a criança possa desenvolver ainda suas habilidades criativas a partir de estímulos visuais e pela sua criação, [...], em sua lúdica viagem, contribui, de modo muito especial para aproximar ainda mais as crianças do mundo da arte. (SOUZA, 2001, p.62).

Historicamente, a arte na Educação Infantil sempre esteve atrelada à idéia de lazer e recreação, com atividades de colorir e reproduzir desenhos mimeografados, estereotipados, fazer e preencher linhas, recortar e amassar papéis, manipulação com sucata direcionada ao objetivo da professora, confecção de cartões e painéis comemorativos. Além dessas atividades, a criança também é instruída a realizar as “técnicas diversificadas como desenhar sobre lixa, ou assoprar sobre o papel tinta em um canudo, sendo que tais técnicas são descontextualizadas dos processos de constituição da linguagem visual e desarticuladas entre si”. (CUNHA, 2010, p. 3).

Com esse modelo pedagógico a aprendizagem se restringe a reprodução de modelos, a cópia, sem possibilitar à criança expor sua criatividade. A criança não é instigada a criar, compor, expor suas idéias. Segundo Cunha (2010, p. 8), existe uma carência de propostas que “desafiassem o imaginário infantil, buscassem os conhecimentos visuais das crianças, explorassem a linguagem nas formas de produzir, entender e ler as imagens, bem como investigassem as possibilidades dos materiais”.

A criança aprende pelo modelo pelo professor que considera a “criação” como a pintura bem feita, o desenho estereotipado, o padrão ao qual o professor conhece: à arte do bem fazer. A arte educação nesse caso não tem esse olhar ela possibilita ao aluno questionar, pesquisar, experimentar, planejar, executar, refletir sobre a própria arte, o mundo, e o meio no qual está inserido, “essas são questões fundamentais se objetivamos uma educação em arte que busque inserir o educando como ser ativo no processo cultural de sua época. Uma educação em arte e uma arte em educação”. (UCHOA, 2006. p. 2).

Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), se faz necessário que as Instituições de Educação Infantil promovam o desenvolvimento físico, emocional, intelectual e social das crianças, a apropriação do conhecimento científico e dos bens culturais produzidos pela humanidade. Sendo assim, o professor de Educação Infantil deve direcionar seu trabalho proporcionando espaços para que a criança possa executar um conjunto de práticas educativas e reflexivas ciente, de seu papel mediador, dispõe espaços para que os educados façam suas tentativas de leitura e expressam das mais variadas formas de representação cênicas, plásticas, musicais, articulando a percepção, a imaginação e o fazer crítico das diferentes linguagens.

As aulas de artes precisam mais do que nunca serem planejadas pela instituição, professores de turma, e professores de arte, para efetivamente a criança seja despertada para o mundo das artes. “As aulas de artes desenvolvidas na maioria de nossas escolas não conseguem despertar o interesse do aluno pelo conteúdo ou atividade proposta, como também, não esclarece o real sentido da arte em nossas vidas”. (UCHOA, 2006, p.03). A aula de artes tem normalmente tem a roupagem de ser um grande passatempo, com atividades aleatórias, descontextualizadas do conteúdo, e da própria disciplina, fugindo da sua real função.

As crianças têm acesso direcionado ao mundo da arte na Educação Infantil, quando chegam á escola estão em uma fase, onde:

Elas sonham acordadas, inventam e descobrem mundos coisas, se aventuram em um mundo desconhecido, não tem medo de criar, [...], a importância do professor aproveitar esta fase de seus alunos para disponibilizar recursos para aprimorar o conhecimento deles e aguçar sua curiosidade e vontade de desvendar. (ALVES, 2010, p. 01).

Falamos então de nos aventurarmos na Educação Infantil no mundo das artes, e toda sua linguagem artística e estética, uma proposta de uma educação lúdica de criar, inventar, sonhar, sentir e perceber o mundo em nossa volta, abrindo assas para a criatividade, imaginação e suas demonstrações visuais. Assegurando á criança a construção do conhecimento científico, intelectual, cultural, com o olhar sensível, da arte, da estética. “Educar nosso olhar, nossos sentimentos, nossas emoções para ver além do óbvio, para enxergar além das aparências e ver um conteúdo que só aquele que desenvolveram sua sensibilidade serão capazes de ver, [...], e sentir.(CRIVELARO, 2009, p.01).

A Educação Estética, neste contexto, é nosso suporte na educação infantil, como uma possibilidade real e concreta de constituir este novo olhar, possibilitando à criança muito além das formas, das cores, dos ritmos, mas uma leitura do seu contexto fazendo um paralelo crítico ou não, representando seus sentimentos, dando significados e resignificando, sua própria leitura do mundo. Para Kant citado por Mora (2001), estética “é a ciência de todos os princípios, a primeira sensibilidade”.

A palavra Estética é derivada do idioma Grego; advém da palavra “aisthetikós”, derivação de “aisthanasthai”, significa: perceber, sentir. Alexandre Baumgarten, empregou o termo estético, no século XVIII, para designar o estudo das sensações ou a teoria da sensibilidade. A estética, é a ciência do belo, ou a filosofia da arte, conceituar esses elementos é um ‘problema’ desde a antiguidade. No decorrer da história o conceito de belo sempre foi flexível, ao que o homem considera modelo de beleza idealizada, ora sinônimo de perfeição, equilíbrio, harmonia, força, bondade, etc.

Compreender a amplitude da estética é um problema debatido amplamente por Platão, Aristóteles, Pitágoras, onde cada um procurou contribuir com suas teorias em relação ao conceito do belo e o juízo estético, tema abordado por Kant, ao qual criticava o juízo estético, um juízo de valor. Segundo Barros (2003 p. 23), “estética é algo independente e que produz julgamentos, é algo natural e que nasce na formação conceitual da criança [...] quando ela emite seu juízo de valor, há uma ligação com seu gosto particular sobre a coisa analisada”, ou seja, a criança vai constituindo seus próprios critérios de beleza com as experiências perceptivas da imagem e da estética.

A atividade estética possibilita ao homem transformar o contexto histórico, uma leitura deste meio, no sentido da emoção, aflorando seu lado cognitivo, reflexivo dando sentido a sua realidade. Para Geraldi (2003, p. 52), “talvez reencontremos na atividade estética o que de comum compartilhamos como homens – a capacidade de criar”. A experiência estética concebe uma nova concepção de mundo, diferentes percepções do seu contexto com novas releituras do seu cotidiano.

Friedrich Schiller, autor das Cartas sobre a Educação Estética do Ser Humano (1791-1793), enaltecia a importância da Educação Estética para a formação do indivíduo, onde esta educação faz confluir emoção e razão. Para Vygotsky (1998), a arte vive de interações, agregando os princípios da percepção

sensorial, sentimento e imaginação. Por conseguinte, a estética tem uma duplicidade de experiências entre o sujeito e a ação, em virtude de:

[...] o estético só se dá na dialética do sujeito e do objeto e que, portanto não pode ser deduzido das propriedades da consciência humana, de certa estrutura dela, da psique ou de determinada constituição biológica do sujeito. A constituição estética, o sentido estético, não é algo dado, inato, ou biológico, mas surge histórica e socialmente, sobre a base da atividade prática material que é o trabalho, numa relação peculiar no qual o sujeito só existe para o objeto e este para o sujeito. (VÁZQUEZ, 1978, p.97).

A arte nos proporciona emoções distintas, um prazer que “provém da vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas de nossos sentimentos e as formas do objeto estético” (DUARTE Jr. 2004, p.60). O contato da arte na educação infantil, é sutilmente, educar pelo olhar. O acesso ao mundo da sensibilidade, das emoções, da reflexão, constitui sujeitos com uma nova sensibilidade através da ressignificação dos sentidos e da história de vida de cada indivíduo, ao qual possibilita criar novas formas de projetar-se no mundo, ampliando suas possibilidades.

Compreender a arte de imediato advém de um conjunto de relações e de referências que a estética exige, referências essas, que estão sempre em movimento, suas concepções e teorias, “tudo na arte é mutável e complexo, ambíguo e polissêmico. Com a arte não se pode apreender regras de apreciação. E a apreciação não se dá espontaneamente” (COLI, 1988, p.116). A arte basicamente não tem uma única regra, o belo não tem um conceito definido, cada indivíduo tem seu próprio conceito de belo, de beleza.

O contato com a arte é essencial, para que possamos compreender e aperfeiçoar nossa compreensão da linguagem artística, visto que, cada expressão artística é única com a criação e recriação da linguagem inserida na obra pelo artista. Segundo Schiller, para vivenciarmos a arte tem que educar nosso gosto, que é indispensável para compreender a percepção dos juízos estéticos. Educar este gosto, em paralelo com a experiência estética os elementos subjetivos com os objetivos devem estar em harmonia, principalmente quando se emitem opiniões, julgamentos que devem estar despretensiosos do preconceito. De modo que,

“Gostar ou não gostar não significa possuir uma sensibilidade inata ou ser capaz de uma fruição espontânea, significa uma reação do complexo de

elementos culturais que estão dentro de nós diante do complexo cultural que está fora de nós, isto é obra de arte” (COLI, 1988, p.11).

Para Vygotsky 2001 apud Molon (2007), a emoção estética caracteriza-se pela existência de três momentos: uma estimulação (percepção sensorial da forma) uma elaboração (específica da natureza da vivência estética) e uma resposta (construção e criação do objeto estético no sujeito). Sendo assim, a vivência estética, reflete na aquisição dos elementos artísticos, da sensibilidade, da imaginação criadora, da percepção de fazer uma leitura diante de uma obra de arte, de uma sinfonia, de uma música, de um desempenho, de instalação, etc. Este mesmo autor nos esclarece do real significado da educação estética são a construção e a educação de hábitos e habilidades estéticas, de diferentes modos de experienciar as vivências estéticas que possibilitam a flexibilidade, sutileza e diversidade, isto é, a riqueza e a complexidade de possibilidade de uma obra de arte.

Na Educação Infantil o professor ao trabalhar com Educação Estética tem a possibilidade de promover vivências no cotidiano infantil, com atividades criadoras, potencializando o sujeito volitivo e criativo. Trabalhar com o contexto da criança, sua realidade onde o centro das atividades é o aluno um ser social. Segundo Molon (2007, p.128), a “educação estética pode se transformar em uma criação da vida, isto é, a vida como sistema de criação, tensão e superação, encontro e desencontro, conflito e contradição”.

A Educação Estética efetivamente como um processo de transformação do mundo, visando o desenvolvimento integral de seus alunos, indo muito além da educação da razão, do mero repasse de conhecimento, em virtude que a educação estética que almeja crianças que articulem entre a razão e a sensibilidade, tocados pela sua realidade, seu cotidiano, sejam criativos com o intuito de transformar o mundo pelos olhos da sensibilidade.

Buscar este novo olhar da educação arte, arte educação, da Educação Estética, como uma disciplina essencial no desenvolvimento infantil, efetivamente garantido seu espaço legítimo na educação infantil, deixando de lado, definitivamente, o estereotipo da disciplina de artes, da Educação Artística, e, efetivamente termos uma Educação Estética que tem entre seus objetivos exaltar a imaginação criadora, a consciência crítica, a reflexão da realidade. A escola proporciona assim, segundo Líbâneo (1997, p.159), uma educação que visa a

“racionalidade que resgata a subjetividade a autonomia da consciência humana, assentada no desenvolvimento das capacidades cognitivas e afetivas de problematização e apreensão da realidade”.

## 2.7. METODOLOGIA

O estudo em exposição nos leva a um ensaio de uma análise do RCNEI. Nosso olhar busca analisar o documento no campo da Educação Estética, observando atentamente a contemplação, ou não, deste item no documento. O princípio desta pesquisa tem como objetivo fazer uma reflexão do RCNEI, em virtude, que o mesmo é um documento oficial do estado, elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura, ao qual foi concebido como norteador da prática escolar.

A pesquisa objetiva analisar de modo reflexivo as propostas expressas no RCNEI no âmbito da Educação Infantil, interligando os contextos históricos em que foi elaborado, conjuntamente com a concepção de criança e as Artes Visuais.

A metodologia aplicada na pesquisa é qualitativa, com os objetivos exploratórios, para que possamos compreender de forma mais explícitas o contexto social, político, econômico ao qual o documento foi elaborado. Entender a criança o sujeito principal de nossos estudos, ao qual efetivamente é um ser de ordem política social, cultural e pedagógico, que não pode ser olhando de forma fragmentada, mas sim de um todo no seu contexto ao qual está inserido.

Nossa escolha pela pesquisa qualitativa advém das improváveis alternativas que surgem pelo caminho, principalmente no que se refere a Educação Infantil, o improvável, o inusitado, as possibilidades de pensar, repensar e rever posicionamentos, idéias, reformular conceitos.

O referido estudo segue uma investigação qualitativa, que, segundo Bogdan e Biklen (1994), é um tipo de abordagem que carrega na sua essência, cinco características: 1ª, a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador o instrumento principal; 2ª, os dados que serão investigados advém essencialmente do caráter descritivo; 3ª, os investigadores que utilizam a metodologia qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente o resultado; 4ª, a análise dos dados é feita de forma indutiva; 5ª, s investigadores que seguem esta abordagem dão grande importância ao significado.

Nossa viagem foi bibliográfica ao mundo que compõe o RCNEI, formulamos um “estudo de caso”, digamos de forma atrevida, entender cada ponto que compõe o documento: a criança, a educação, as artes visuais, a estética, a instituição Educação Infantil e as leis que a sustentam. Segundo Merriam (1988, *apud* BOGMAN e BIKLEN, 1994, p. 89) “Os estudos de caso consistem na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”.

Ao buscarmos as referências bibliográficas os caminhos multiplicavam, frente à diversidade de estudos de caso, que contemplam o RCNEI, artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, monografias, e em cada um deles idéias que se contrapõem, novas referências, bibliografias. Opiniões diversificadas entre pedagogos que nos levam à reflexão, ao debate, a busca de soluções, reformulações de conceitos. Cerisara (2002), nos conduz ao RCNEI no contexto das políticas públicas para a Educação Infantil, Bujes (2002) tem foco direcionado à criança: A invenção do eu infantil e os dispositivos pedagógicos em ação.

Esta monografia optou pela pesquisa qualitativa, procurando realizar um estudo de caso, que é relevante ao processo educativo. Ludke e André (1986) e Triviños (1987), enfatizaram as características do estudo de caso como estudos que partem de alguns pressupostos teóricos iniciais, mas procuram manter-se atentos a novos elementos emergentes e importantes para discutir os problemas da Educação Infantil.

## 2. 8. ANÁLISE RCNEI

A arte como linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por meio de nenhum outro tipo de linguagem, tal como a discursiva ou científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos. (BARBOSA, 1995).

A leitura no RCNEI, discorreu de forma frenética buscando a educação estética, as fórmulas mágicas de conduzir a criança ao mundo das artes, da criação, do olhar crítico. Como eterna criança ansiosa na busca imediata de uma resposta fui ao sumário do documento e com dedos ágeis passei as folhas até encontrar “ARTES VISUAIS”, , em letras de caixa alta, no centro da página, então surge o tópico Introdução, os olhos fitam o desenho de uma criança ilustrando a página.

O entusiasmo esvaia-se a cada página descrita diante dos objetivos, conteúdos, orientações didáticas e, profissionais, apresentados de forma fragmentada, e, a não contemplação da Educação Estética. O que encontrei refere-se especificamente ao fazer artístico e a apreciação em artes visuais desconectados de uma experiência, uma vivência em arte.

A pesquisa então direciona-se para a história do RCNEI, e sua constituição, como, quando e porque efetivamente foi elaborado. Nesta trajetória encontrei diversos trabalhos acadêmicos contemplando o RCNEI, na sua grande maioria fazendo duras críticas ao documento, segundo Cerisara (1999, p. 204):

A elaboração desse Referencial foi prematura, descontinuada das propostas do MEC/SEF/COEDI e, por isso, exige maior empenho da comunidade científica para aprofundar os estudos, as críticas e tentar redimensionar o que já existe para que as crianças e as profissionais que atuam com as crianças não sejam mais prejudicadas.

O Referencial foi elaborado pelo Ministério da Educação, sendo o mesmo, um documento de orientação curricular que tem como objetivo servir de base para produção de programas pedagógicos, planejamentos, onde cada estado, município deverá elaborar sua proposta psico-pedagógica de acordo com as características da sua realidade. O que fica perceptível no RCNEI, é que houve, de certo modo, uma imposição de um modelo único, frente ao comodismo dos órgãos que regularizam a educação nesse país, impondo sutilmente um modelo , pronto acabado que dispõe sobre a criança um controle de moldar e modelar as condutas infantis.caso comodismo

Essa com certeza é uma longa discussão, sobre a real função do RCNEI, então retomo o intuito desse trabalho, analisando o referencial sob o ponto de vista da contemplação da educação estética. Após a leitura de todo o documento, me ative a leitura minuciosa pelos caminhos das Artes Visuais. A educação estética tem uma sutil abordagem em algum momentos do texto, fala-se em capacidades e desenvolvimento estéticos. O texto é direcionado tão somente ao fazer artístico, os conteúdos, objetivos, as orientações conduzem a ação do aluno á produzir, expor, valorizar seu trabalho e dos colegas.

A introdução de Artes Visuais é o retrato fiel do que encontramos em cada página destinada á Artes Visuais: a importância das artes na vida da criança e a segmentação de cada atividade realizada pela mesma, instituição de práticas



pedagógicas, definição de espaço trabalho, tempo, projetos. No decorrer da história a arte vem trilhando um caminho que a leve ao seu real papel dentro da educação. Por anos serviu como um mero passatempo, com aulas destinadas a datas comemorativas, um ponto que o documento faz uma referência, o descompasso entre teoria e prática, onde efetivamente a educação em artes não ocorreu

O texto segue mostrando as novas possibilidades do RCNEI, aulas de artes concebidas com uma nova roupagem em que contempla o fazer artístico, a apreciação e a reflexão, aspectos que, quando trabalhados poderão desenvolver na criança, sua imaginação, sua expressão, sua criatividade, sua sensibilidade, suas capacidades estéticas, habilidades que a criança demonstra-ra no fazer artístico, a criança literalmente posta em 'arreios', ignorando totalmente a trajetória de vida do educando e sua bagagem cultural social e histórica.

O referencial traz em Artes Visuais uma proposta voltada sobre um olhar sutil sobre a estética e suas possibilidades, a criança utilizando todos os artefatos da arte, mas, infelizmente essa possibilidade acaba nos objetivos, conteúdos e orientações aos professores. Percebemos a educação assistencialista, meramente preocupada em preparar seus alunos para as séries iniciais.

Os objetivos nos levam por caminhos estreitos, túneis, não há opções de sentar a beira do caminho, espera-se que a criança amplie seu conhecimento de mundo, manipule objetos diversificados ampliando assim suas possibilidades de expressão, valorize suas próprias produções e de seus colegas, e "produza" trabalhos que lhe forem designados. Quatros obejtivos divididos dois para cada faixa etária, a compactação da criatividade, em nenhum momento é citado a criança criar, desenvolver, construir, expressar-se livremente.

A criança exercitando toda sua imaginação, descobrindo o mundo, explorando, examinando as formas, as paisagens, os materiais que estão ao seu redor. Segundo Monte (2005), " a imaginação da criança aprimora-se no processo de desenvolvimento das diferentes formas de atividades infantins", seja em atividades de pintar, desenhar, montar, modelar,cantigas e brincadeiras. O brinquedo segundo Vygotsky (1989) é o mundo ilusório e imaginário onde os desejos não-realizáveis podem ser realizados. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos.

Utilizar-se do brincar nas aulas de arte, ser um pintor, escultor, ator, criando situações que lhe proporcione a experimentação, a observação, a invenção, a aprendizagem ações que efetivamente estimule sua criatividade, curiosidade, autonomia, autoconfiança fatores estes que influenciara diretamente no seu desenvolvimento da linguagem, do pensamento, concentração e atenção, Através do brincar a criança está experimentando o mundo, os movimentos, as reações, por consequencia num futuro próximo tera condições de elaborar atividades mais complexas.

Ao discutir a esfera do brincar, Vygotsky (1984), focalizou, especialmente, os infantis que implicam uma situação imaginária. Segundo sua visão, no início da infancia o contexto percentual e os objetos como que determinam a ação da criança. Essa idéia é reforçada pelas características no brincar da criança:

“Os objetos são explorados e manipulados conforme suas características físicas ou funcionais; motivação, percepção esta, de uma certa forma, superpostas. No entanto, quando começa a construção do faz-de-conta, opera-se uma separação dos campos da percepção e da motivação, pois as ações são simuladas se uma coisa é usada para significar outra”. (GÓES, 2006, p. 2).

Com a brincadeira a criança se apropria do mundo real, domina conhecimentos se relaciona e se integra culturalmente, compreende sua cultura e conhece outras, o professor a conduz por outras épocas históricas, uma leitura sensível, estética além dos lápis de cor, tintas, masinhas de modelar, uma análise das imagens de modo crítico, interligando com sua realidade, o professor mantém “uma linha de trabalho, ligando uma aula á outra e explorando o inusitado junto com seu aluno, se aventurando a aprender caminhos novos e reaprendendo a utilizar a imaginação”.(ALVES, 2010, p.4).

Segundo Wajskop (1995), considera a brincadeira em uma percpctiva sócio-histórica e antropológica, a base genética do brincar e da arte sao similares, pois ambas são atividades sociais e humanas, que supõe contextos sócios culturais, através dos quais a criança recria a realidade com sistemas simbólicos próprios: “não-brincar” é a não fruição da imaginação poética das ricas fantasias significativas da vida.

Esses são argumentos incontentáveis ao qual o professor não deve omitir na sala de aula, frente ao que propõe o RCNEI, página 104, Volume III ,

compreendendo as orientações didáticas no que se refere a leitura de imagens, uma visão nada poética, nos remete á uma ‘marionete’ ministrando a aula, de tal forma, que apresenta uma imagem de um artista, fala-se de dele, da obra e suas características, a criança caberá o papel de descrever o que está na obra, cores, formas, o que gostou, não gostou, enfim, ver e descrever o que está tão somente na imagem.

Um olhar demilitado, centrado unicamente na imagem, visto que a leitura está boicotando a imaginação, a criatividade, a comparação com a realidade, o referencial é absolutamente claro neste sentido de ‘censura’. O professor poderá criar espaços para construção de uma observação mais apurada, instigando a descrição daquilo que está sendo observado. É aconselhável que o professor interfira nessas observações, ou seja, conduza literalmente a aula, para que as crianças compreenda significativamente o que apresenta o conteúdo geral da imagem, o texto não apresenta a possibilidade real da criança ir além da imagem, ela deve sim ser autora das interpretações, desde que esteja condicionadas á um olhar unilateral.

O que merece destaque , realmente, é o “que fazer com as produções da criança”, o texto nos traz a doce ilusão da valorização do trabalho da criança, a *exposição* como apse máximo da sua produção, da sua auto estima e de seus familiares, também sugere que as crianças levem para casa suas produções “para servirem de enfeite nas paredes”. Essas ações segundo o referencial são essenciais para que a criança aprenda a valorizar seu trabalho, o dos colegas, faça, “observações” mutuas, e sobretudo posam atinar sobre o “montante” de trabalhos produzidos. A arte do fazer por fazer e sobretudo pela quantidade.

Durand (1981), em seus estudos afirma que a escola tem cumprido um forte papel na domesticação do imaginário, por consequencia, o professor não pode mais se opor aos processos de criação da criança, sua imaginação, seu faz-de-conta, sua fantasia. Para Alves (2010, p. 5), o professor deve se “libertar ao máximo dos esteriótipos que tanto influenciaram e permitindo que estas possam inventar, descobrir e sonhar livremente, clocando no papel as idéias que estão em seu pensamento, dando assas á imaginação”.

O professor é o grande mestre do cerimonial, não deve em hipótese alguma se ater, tão somente sua ação educativa ao que sugere o referencial, que propociona á criança uma educação assistencialista, ele é o grande regente para

que as crianças aprendam a gostar de arte, fazer, criar, produzir suas 'artes', aguçar o gosto o olhar sensível. Para Laveolberg (2003, p.11), cada ser é único:

“A variedades de estilos individuais deve constituir estímulo à participação diferenciada, ao enriquecimento dos repertórios individuais, valorização da cooperação e o incentivo a ela, e não à classificação dos aprendizes e a competição improdutiva. A ética na didática da arte é imprescindível para consolidar o gosto por aprender autônomo, com uma postura solidária na relação com seus pares e com o patrimônio cultural”.

Falamos então, de uma Educação Infantil que proporcione á seus alunos a multiplicidade de imagens, histórias, folclore, lendas, poesia, cantigas, Que não fica atrelada unicamente com criação de espaços, 'cantinhos', materiais organizados. O referencial dedica grande parte do seu texto a este assunto, sempre enaltecendo os cuidados que o professor devará ter no acesso e manipulação dos materiais. Quantas possibilidades de aprendizagem com a utilização de materias, sucatas, a possibilidade real e concreta de manipular, mudar, transformar, porém o RCNEI, nos mostra esses aspecto apenas como um mero suporte, ao qual o professor deve estar atento as materias industrializados ou artesanais de cada região.

Novamente é nítido a omissão do criar, é como ouvir uma música fora do compasso, sem regente, cada um toca á seu moda, não há uma partitura. A arte proporciona as crianças a criação com a leitura diversificado do mundo, onde o aluno deve ser constantemente desafiado á ir além dos desenhos esteriotipados, manipulação de materiais e sucata. “É necessário resgatar e sensibilizar o acervo que a criança traz. Como também levar a ela atividade que ampliem sua percepção de mundo”. (SOUZA, 2002, p. 36).

Atividades estas que tirem a criança da dura rotina das creches, com projetos criativos, que levem conhecimento, promovam a discussão a busca de soluções, a reflexão, que sensibilize o aluno para o contexto social e seu olhar estético, bem como, promovam a poesia do belo, um contraste ao modo geral dos projetos aplicados nas instituições infantis que frequentemente são contemplados com projetos dos dias das mães, pais, etc, ao qual as atividades de arte são confecção de pães, cartão, apresentação de musicas, desenhos, presente padrão (isso quando a criança que realmente faz).

O RCNEI na sua totalidade limita a criatividade e o ato de criar da criança. Na suas entrelinhas tem a doce melodia que murmura educação estética, em baixo

tom, quase que impresentável aos ouvidos aos olhos. O que ecoa aos quatro ventos é a educação assistencialista, manipuladora, tocado em um ritmo compassado, antevendo a próxima nota, um ritmo marcado pelo sistema educacional que nos rege.

A Educação Estética dentro RCNEI, ficou com o papel coadjuvante, de existir de um modo 'obscuro', perdido na leitura das entrelinhas. No término do capítulo dedicado à Artes Visuais, p. 113, os dois últimos parágrafos, encerram em uma melodia melancólica, o texto nos coloca o *limite* de ações prioritárias, que compreende a faixa etária de 0 à 3 anos: a exploração de diferentes materiais e a possibilidade de expressar-se por meio deles, dois pontos enaltecidos, que só acontecerão como resultado, se o professor “der oportunidade” de desenhá-lo, pintar, modelar, brincar com materiais diversificados. Ora, essas são atividades essenciais à serem trabalhadas nesta faixa etária, como não disponibilizar isso para a criança? Atividades corriqueiras na educação infantil.

O mesmo ocorre, em relação a faixa etária de 4 à 6 anos, por conseguinte, a criança que tiver *muitas oportunidades* de vivenciar atividades envolvendo Artes Visuais, em consequência, esta criança eventualmente utilizará as diferentes expressões artísticas para expressar-se, comunicar-se, representar. Essas são atividades que a criança faz eventualmente, despreocupada de objetivos, cabe ao professor ir além das possibilidades artísticas. Trabalhos que apresentem reflexão, conceitos, decodificação de diferentes linguagens, a marca pessoal de cada criança, sua criatividade na plenitude.

Na Educação Infantil trabalha-se acintosamente os sentidos das crianças, desta forma, a arte é uma ferramenta “que nos leva a pensar arte como contribuição para o desenvolvimento sensível, indispensável na condição humana” (PILOTTO, 2007, p.18). O professor trabalha o tempo todo com a arte e suas linguagens, a criança está inserida num mundo repleto de sons, formas, cores, cheiros, texturas, o próprio corpo que emana emoções, sensações, ou seja, uma gama de suportes pedagógicos, didáticos que a arte possibilita a leitura e interação, ao mundo do conhecimento. Segundo Pilloto (2007), arte como linguagem, expressão, comunicação e produção de sentidos trata a percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana.

Essa afirmação é contraditória ao Referencial, que limita a criança, que direciona aos objetivos: acontece isso, se você fizer isso. Basicamente o RCNEI foi

elaborado para uma escola assistencialista, para uma criança que no decorrer da história mudou a sua concepção, e necessita muito mais que uma instituição que apenas cuide e zele por ela. Finalizo com as sábias palavras de Barbosa (1995, p.04) “arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente das palavras interpretar o mundo, a realidade, o imaginário do conteúdo”.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de pesquisas, leituras, chegou o momento das amarras finais, das conclusões, considerações finais ou simplesmente The End. Ao longo deste ano o empenho foi grande para produzir e fazer esta monografia, em muitos momentos nos sentíamos como uma colcha de Patchwork em construção. À cada dia retalhos foram sendo construídos, pedacinhos de leituras que encantavam, que ensinam, que questionavam, foram sendo acumulados. Ao iniciar a escrita do texto, a mesma agonia se perpetuou a cada novo tópico, como começar, que palavras usar, o silêncio sempre foi um companheiro fiel, para construir esse emaranhado de palavras, com consistência, harmonia, tal qual a melodia que sonhamos então na Educação Infantil.

A colcha foi montada, passo a passo, diante de nossa insegurança em qual material adequado usar, os suportes, os alinhavos, desta maneira, chegamos aos acabamentos finais. Ao concluir este trabalho percebo a defazagem do RCNEI, no aspecto pedagógico, didático e estrutural. Um documento que foi criado para uma escola extremamente assistencialista, que visa preparar alunos para as séries iniciais.

O documento em muitos momentos é contraditório entre os objetivos e os conteúdos e atividades a serem trabalhadas pelo professor, as especificidades da criança são omitidas frente a organização escolar que é imposta a elas. Segundo Cerisara (2002, p.10), ocorre a “didatização” da criança, da sua identidade, autonomia, linguagem, a escola “acaba por disciplinar e aprisionar o gesto, a fala, a emoção, o pensamento, a voz e o corpo da criança”.

A criança é focada como um modelo padrão, muito distante da realidade, o RCNEI, em alguns momentos nomeia a importância do professor olhar as diversidades culturais, mas percebe-se a contradição, quando este documento aborda a criança como um “sujeito escolar”, e não uma “criança-cidadã”, que tem sim uma pluralidade cultural, social, econômica, étnica. Bujes (2002), nos coloca que o Referencial é um dispositivo pedagógico, que visa unicamente manipular a criança, onde ela é induzida a ver-se, expressar-se, julgar-se, sempre dentro dos limites dos professores.

O contexto em que cada criança esta inserida muitas vezes pasa despercebido pela instituição que a criança frequenta, o professor fica obsoleto na sua relação com o educando, frente a vida familiar, condições sociais e econômicas. O contato escola-familia, que o documento em muitos momentos evidencia, é contraditória, a grande parcelas das famílias que se utilizam das instituições infantis, jamais passaram do portão de entrada.

Fazer um paralelo da história da educação, da arte, da Educação Infantil, nos da o direcionamento das bases da construção do RCNEI, um documento que não foi unânime na sua elaboração, considerado por muitos críticos presipitado, ao qual, institucionalizou a função da Educação infantil de educar e cuidar, a criança não é atendida nas suas especificidades frente a hierarquização do trabalho realizado nas instituições. Na atualidade temos a estrutura da Educação Infantil modificada no atendimento ás crianças, que não contempla mais a faixa etária de 6 anos, que passou a compor o Ensino Fundamental.

Discutir o referencial na sua totalidade abre o leque para a educação buscar uma qualidade de ensino, espaço físico adequado, materiais, atendimento qualificado, se outora não foi o documento dos “sonhos” da Educação Infantil, ele é o guia dos professores que atuam na área da educação, sendo o mesmo, “constituente de um conjunto de documentos elaborados pelo MEC que dão corpo as reformas implementadas na educação” (CAMPOS, 2002, p. 3). Hoje certamente ele não seria concebido com idéias e teorias que hora defendemos, quando falamos em defazagem, nos atemos a concepção da criança que mudou em muitos aspectos, a sociedade que caminha á passos largos a globalização.

Fundamentalmente essa sede de mudança na educação sempre promove discussões, retomas velhos problemas, mas essencialmente visa melhorar, mudar, agraciá novos projetos, metas. A Educação Estética, que de novo não tem nada, está neste patamar, ser inserida definitivamente na vida escolar, na Educação Infantil. Segundo Pillar (2005, p. 71), “a Educação Estética tem como lugar privilegiado o ensino de artes, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas as crianças, tanto a partir do seu cotidiano como obras de artes”.

Educar o gosto, a sensibilidade, uma possibilidade concreta que a educação deve oportunizar seus educandos, a renovação do olhar. Para Schmidt (2007, p. 247), a Educação Estética tem a prerrogativa de:



“Educar esteticamente é dar legitimidade a fenômenos como a criação do novo, a abertura ao diferente, a recusa de dicotomias e percepções fragmentadas, a extinção de esteriótipos, de juízos ou julgamentos pré-concebidos, é ainda a recusa da impressão da “mesmice”, da “rotina”, de que “todos são iguais aos outros”, visando uma percepção que seja cada vez mais capaz de sentir o frescor da vida e de suas qualidades sensíveis-visão das partes”.

A escola tem a responsabilidade de promover a Educação Estética, dinamizando á seus educandos novas experiências, emoções, sensações, que confrontem o belo, o feio, o subjetivo e o coletivo. “educar os sentidos e torná-los ativos por meio do desenho, da música, do teatro e da dança na educação popular é o objetivo fundamental da educação estética na formação integral da criança”. (VEIGA, 2000, p. 413).

Ao professor é oportuno a magia de orquestrar esta sinfonia, fazer ecoar a delicada melodia, executar sua maetria com dedicação, “bom senso, apreensão da realidade, respeito á autonomia, consciência do inacabamento, curiosidade, alegria, esperança” (FREIRE, 1977, p. 78), enfrentando os percalços que surgirem pelo caminhos, mas que o professor nunca se esqueça que á ele foi designado o poder de ensinar, partilhar, compartilhar o conhecimento, e sobretudo que ele ‘ensina’ á alguém.

A colcha está pronta, estendida sob a cama, olhares atentos percorrem cada detalhe, analisam, reavaliam cada pedaço que foi concebido, e finalizamos com o firme intento que não está finalizada. Já não sou a mesma, os olhares mudaram,a sensibilidade foi modificando diante de tantas possibilidades novas que surgiram no caminhos. E a única certeza que tenho que, mesmo as pequenas conclusões que mencioneis, não são definitivas, elas com ceteza vão mudar frente á novas leituras, pesquisas, estudos, concepções que evoluem com o decorrer de nossa história.

O universo da criança é ilimitado, é um mundo de faz-de-conta, de fantasias, então, que a Educação Arte, Arte Educação, se utilize da Artes Visuias e esta, contemple a Educação Estética, provocando a criança, questionando, promovendo um outro olhar, quebrando regras, esteriótipos, ouse, assim afirma Cunha (2010, p. 8), “uma educação em arte que faça com que as pessoas continuem buscando e dando sentido poético à vida”.

Para finalizar, enaltecemos a criança e seu mundo de “arte” e “fazer artes”, sua capacidade de sonhar, quer seja o menino que faz de uma simples tampa de panela seu possante carro de corrida, ou, a menina que embala em seus braços a boneca com o doce murmúrio da cantiga de ninar. Que nós professores deixemos nos seduzir pelo mundo encantador das artes, e toda sua preciosidade dentro da aprendizagem. Venha junte-se á nós (sonhadores), a roda está se formando... a ciranda vai começar, sempre tem lugar para mais um...nem precisar pedir para entrar...as mãos sempre se abrem para um novo, (professor que faz a diferença), participante... feche os olhos...sinta...entoe...

*“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meio volta, volta e meia vamos dar...”.*

#### 4. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, Bruna Pereira, **Infância e descoberta: conhecendo a linguagem da arte, indo de encontro aos esteriótipos**. Disponível: [http:// www.arteescola.org.br](http://www.arteescola.org.br). Acesso 15/06/2010.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

AURELIO, O Mini Dicionário da Língua Portuguesa. 4. ed. Revista e ampliada do Mini Dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1995.

BARROS, Michele Raquel, et al. **Arte e Desenvolvimento Infantil**, Caderno pedagógico: Florianópolis/SC: UDESC, 2005.

BRAGA, Aucy Bernini. **Estrutura e Funcionamento da Instituição de Educação Infantil**/ Aucy Bernini Braga, Débora Cristina de Sampaio Peixe. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2003.

BROGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Editora Porto, 1994.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8069, de 13 de julho de 1990. São Paulo: Saraiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto de Educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BUJES, Maria Isabel E. Escola Infantil: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem, KAERCHER, Gládis E. (org.). **Educação Infantil pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUJES, Isabel Edelweiss. **A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, set/ out/nov/ dez, 2002. Disponível: [www.scielo.br/pdf](http://www.scielo.br/pdf). Acesso: 30/09/2010.

CAMPOS, Rosânia. **Políticas Governamentais e Educação Infantil: histórias e estórias**. Zero-a-Seis. Periódico Semental – Número 5 – Janeiro/ Julho/ 2002. CED/UFSC. Florianópolis.

CERISARA, A. B. A. A produção acadêmica na área da Educação Infantil a partir da análise de pareceres sobre o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. In: FARIAS, A. L. G & PALHARES.M.S. (org.) **Educação Infantil pós-IDB: Rumos e Desafios**. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1999, p.19-49.

\_\_\_\_\_. **O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no Contexto das Reformas**. 2002. Disponível: [www.scielo.br/pdf](http://www.scielo.br/pdf). Acesso 24/10/2010.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. São Paulo: Busiliense, 1988.

CRIVELARO, Marisa. **Um olhar Sensível**. Disponível <http://marisacrivelaro.blogspot.com/2009/06/um-olhar-sensivel.html> Acesso em: 18/08/2010.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Como vai a arte na Educação Infantil**. Disponível: [www.culturainfancia.com.br](http://www.culturainfancia.com.br). Acesso 29/05/2010.

DUARTE Jr. João Francisco. **Por que arte-educação**. São Paulo: Papyrus, 2004.

DURAND, Gilbert (1981). *Las Estructuras Antropologicas del Imaginário: Introducción a la Arquetipología General*. Madrid: Taurus Ediciones. [Há tradução brasileira editada por Ed. Martins Fontes, 1997].

FORMOSINHO, Julia Oliveira. **Modelos curriculares para a educação de Infância**. Porto Editora, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S. Jobim e; KRAMER, S. (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, v.107, 2003. (Coleção questões da nossa época).

GÓES, Maria Cecília Rafael. **O jogo imaginário na Infância**. 05/02/2006. Disponível: <http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2006/02/o-jogo-do-imaginrio-na-infncia.html> Acesso em 08:08:2010.

HEIWOOD, Colin. **Uma História da infância: da Idade Média á época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de apreender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982

KUHLMANN JR., M. Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, A.L.G de; PALHARES, M.S. (Orgs.). **Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas-SP: AutoresAssociados, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: Ghiraldelli Jr, (org). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba : ed. Universidade Federal do paraná, 1997.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educa o: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Beatriz de Oliveira e S. M. **Desenvolvimento Infantil I**. Caderno Pedagógico, UDESC, Florianópolis, 2003.

MOLON, Susana I. **Subjetividade e constitui o do Sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Constitui o do sujeito volitivo e criativo: educa o estética em Vygotsky. 2007. p. 121-130. In: ZANELLA, Andréia V.; COSTA, Fabíola Cirimbelli B.; Sander, Kátia M.; ROSA, Lucilene, Sílvia Zanatta da. **Educa o estética e constitui o do sujeito: reflexões em curso** / [Organiza o de]. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

MONTE, Jaime Bezerra et al. **Desenvolvimento infantil II**. Caderno Pedagógico, Florianópolis: UDESC, 2005.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.

NARODOWSKI, M. **A infância e Educa o Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Media o, 1998.

OLIVEIRA. S. M. L. O. A legisla o e as políticas para educa o infantil, avanços, vazios, e desvios. In: MACHADO, M. L. A. **Encontros e desencontros em educa o infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Oliveira. **Educa o Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005. Disponível <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/concepcao-de-infancia-e-educacao-infantil-1080579.html>. Acesso em 30/08/2010.

OSTETTO,L. E. **Educa o infantil em Florianópolis**. Florianópolis/SC: Ed. Cidade Futura, 2000.

OSTROWER, F. **Acasos e cria o artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PEREIRA, Eliane Regina; CLEMES, Juçara. **Caderno de estudos: psicologia da educação e aprendizagem**. Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Indaial/SC: ASSELVI, 2010.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. 2003, p.71-82. In: BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino de arte** (org.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. **Linguagens da Arte na Infância**. Joinville/SC: UNIVALLE, 2007.

POSTAMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

VAZQUES Sanchez, A. **As idéias estéticas de Max**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SANTA CATARINA, Secretaria do Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Médio: Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. A Globalização e a Infância: impactos na Condição social e na escolaridade. In: GARCIA, R. L. (org.) **Em defesa da Educação Infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando campos. In: PINTO, Manoel; SARMENTO, Manoel J. (Org.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga/Portugal, 1997.

SCHILLER, Friedrich. **Sobre a Educação estética do ser Humano numa série de cartas e outros textos**. Lisboa: Imprensa Nacional da Moeda, 1993.

SILVEIRA, Jacir Cabral da. **Infâncias na Mídia: sujeito, discurso, poderes**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre/RS: FAGED/UFRGS, 2000.

SOARES, Angela da Silva, **A concepção de Infância e Educação Infantil: A construção de um novo perfil para o professor de Educação Infantil**. Disponível: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos>. Acesso 27/07/2007.

SCHMIDT, Luciana Machado. Para além das dificuldades cotidianas: o desafio da educação estética a partir de situações concretas em sala de aula. ZANELLA, Andréia V.; COSTA, Fabíola Cirimbelli B.; SANDER, Kátia M.; ROSA, Lucilene, ZANATTA, Sílvia. **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso** (org.). Florianópolis/SC: NUP/CED/UFSC, 2007, p. 231-250..

SOUZA, Cleide Aparecida Gonçalves de. **Educação para o lazer e educação estética. História das artes visuais na educação infantil**. Disponível: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 10/02/2010.

SOUZA, Maurício de. **Histórias em Quadrões. Pinturas de Maurício de Souza**. São Paulo: Globo, 2001.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo.** São Paulo: Atlas, 1987.

UCHOA, Marcelo. **A arte, o professor de arte e o fazer artístico.** Disponível: <http://www.overmundo.com.br> . Acesso 21/07/2010.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane M. Teixeira et al. **500 anos de Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 399-422.

VYGOTSKY, Lev. S. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A formação da mente.** 3. ed. Trad. José C. Neto, Luis S. M. Barreto, Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** São Paulo: Cortez, 1995.